

## **Construindo uma Igreja de comunhão Visão Pastoral da Arquidiocese de Winnipeg**

Caros Irmãos e Irmãs em Cristo,

Este ano celebramos o 90º aniversário da criação da nossa Arquidiocese. Somos verdadeiramente um povo *chamado por Deus... rico na diversidade*, e damos graças a Deus pelo dom da nossa igreja local. Uma das tarefas do nosso ano de aniversário é de preparar prioridades para os próximos dez anos, para que possamos celebrar o nosso Centenário com mentes e corações renovados. Este ano também celebramos o 40º aniversário do Concílio Vaticano Segundo e é altura de redescobrirmos os ensinamentos do Concílio. Os documentos do Vaticano II continuam a ser o prisma através do qual nós nos vemos e descobrimos a que somos chamados como Igreja.

Um dos ensinamentos principais do Concílio Vaticano II é a Igreja como comunhão. Entendendo a Igreja como comunhão significa que somos chamados a reflectir a vida da Santíssima Trindade. As três pessoas da Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – são integrais entre si e existem num amor de doação pessoal. Se devemos viver a igreja como comunhão, somos chamados a reflectir a vida da Santíssima Trindade; cada um de nós é chamado a viver em relação, não somente com Deus, mas também uns com os outros. Imagens como o Corpo de Cristo; e Cristo como vinha e nós os ramos, ilustram que os baptizados não só são relacionados a Deus em Cristo, mas também uns com os outros em novas formas radicais. Aqui em Winnipeg temos a experiência desta comunhão com os 155.000 Católicos que se juntam para celebrar nas nossas 94 paróquias e missões, os quais continuam a proclamar a Boa Nova nas nossas escolas, hospitais, instituições e muitas outras boas obras. Juntos somos chamados a continuar a construir uma Igreja de comunhão.

Nesse documento sobre a Igreja, o Concílio Vaticano falou da igreja como um povo peregrino... um povo que caminha através da história e se forma por essa jornada. Isso significa que a igreja, enquanto em é seu coração uma e a mesma, é sempre um projecto em construção. Nunca está completo e só será completo quando o Senhor regressar em glória.

Deus continuamente nos modela e remodela para que sejamos sempre um sinal claro e um vigoroso sacramento da salvação de Deus para todos. Numa igreja de comunhão, todo e cada um dos membros baptizados da Igreja partilha neste grande mistério. Cada um dos baptizados é ungido com o Espírito e transformado em um com Cristo, quem nos dirige até ao Pai. No baptismo todos são iguais em dignidade. Segundo nos diz São Paulo na sua primeira carta aos Coríntios “*não existe distinção entre Judeu e Grego, escravo e livre, homem ou mulher.*” E adicionaria que não há distinção entre clero e leigo. Em Cristo, todos somos um. A Santíssima Trindade está presente no coração de cada crente: amando, e guiando cada um de nós em direcção a uma profunda relação. Todo o baptizado é abençoado com dons indispensáveis para o serviço da igreja e do mundo. Cada um de nós tem o direito de contribuir, e todos têm a responsabilidade de contribuir.

Somos também uma igreja hierárquica precisamente por causa da diversidade, riqueza e indispensabilidade dos dons que o Espírito nos dá. Ao mesmo tempo, todos partilhamos igualdade através do batismo. Existe uma variedade de funções que requerem diferentes formas de liderança.

Para preservar e ordenar os dons para o bem comum, o Senhor estabeleceu pastores com autoridade para assegurar que esta comunidade doada permanecesse unida na fé e no amor. Claramente, a função do líder não é de destruir os dons ou tentar manipular ou controlar, mas pelo contrário, animar os dons dos outros para que a igreja e o mundo possam florir.

Como o Papa João Paulo II salientou na carta para o novo milénio, tudo isso é dom, mas depois o dom transforma-se em função. Nós, os batizados, somos encorajados a crescer e a amadurecer na fé, esperança e amor. Através do batismo e ordenação fomos santificados e agora teremos que deixar que essa santidade transforme as nossas vidas. A instrução do Concílio Vaticano Segundo chama cada um de nós ao reconhecimento da nossa dignidade e ao discernimento dos nossos dons.

Como pode esta visão do Vaticano II criar raiz na Arquidiocese de Winnipeg no dia de hoje? Em primeiro lugar, teremos que reconhecer que esta é uma nova era. Como igreja, nunca passámos por aqui; estamos caminhando em novo território. No Evangelho, Jesus alertou-nos à tentação de colocar vinho novo em odres velhos. O receber os ensinamentos do Concílio; o implementar a nova visão e o estabelecer novas formas de trabalharmos juntos, criam tempos desafiantes. Mas esta também é altura de assumir grande criatividade e tomar riscos. É tempo de vitórias e desilusões, tempo de entendimento, compaixão e perdão. É um tempo verdadeiramente maravilhoso.

Desde o Concílio Vaticano Segundo, temos tido conhecimento do conceito dos Concelhos Pastorais. Nos últimos três anos temos desenvolvido um Concelho Pastoral Arquidiocesano assim como vários Concelhos Pastorais de Zona, para que possamos criar prioridades que nos irão ajudar a formar uma Igreja de comunhão. Durante os próximos anos iremos renovar os nossos Concelhos Pastorais para que eles possam reflectir esta imagem de igreja, propondo que os membros dos concelhos se concentrem nos assuntos pastorais que facilitarão a Igreja de comunhão a criar raízes profundas na nossa Arquidiocese.

Devemos nos esforçar por conseguir um equilíbrio nos nossos Concelhos. No Canadá, vivemos uma democracia que nos serve bem. Estamos acostumados à ideia que a maioria governa; uma pessoa, um voto. Mas sabemos que a igreja não é democracia. A igreja é um dom de Deus e os ensinamentos e testemunhos de Jesus Cristo são centro em tudo o que fazemos. Tendo-o dito, muitos aspectos importantes da democracia não só são compatíveis mas também essenciais à vida da Igreja. Somos uma Igreja de comunhão só quando: reconhecemos a dignidade e dons de toda a pessoa, acreditamos na igualdade fundamental de cada pessoa; nos mantemos abertos à transparência e à responsabilidade, e entendemos o valor da escuta comum; e quando discernimos para onde o Espírito nos dirige.

A construção de uma Igreja de comunhão causará por vezes frustração e em alguns lugares, desequilíbrio. No entanto poderá e deverá funcionar. Significa que devemos ter uma confiança profunda nascida da dignidade do baptismo, o qual inspira um reconhecimento dos nossos dons e uma disposição de os utilizar para o bem da Igreja. É o Espírito que constrói a Igreja, habilitando-nos à partilha e colaboração. “Mantendo-nos por fora”, “atacando à distância” ou cinicamente observando, não são opções para os Cristãos. Se vamos construir uma Igreja de comunhão, o medo e o cinismo deverão dar lugar à confiança. Todos nós somos chamados a colaborar generosamente.

Tudo isto será realizado se vivermos uma vida em santidade. A santidade não é apenas um assunto de piedade, mas significa ser quem nós somos, e quem fomos criados através do baptismo. A santidade requer uma abertura para com os outros, uma firme confiança nos outros e um desejo apaixonado de incluir todos os dons na construção de uma Igreja de comunhão. A santidade é incompatível com qualquer tipo de medo ou manipulação. Uma comunhão baseada na santidade faz parte de uma visão exigente. Precisamos reconhecer que a Cruz sempre permanece no seu centro. Para se criar a comunhão é necessário que haja confiança no Senhor e confiança nos outros; é necessário que haja coragem, paciência, perdão e esperança.

Nos próximos dez anos, a nossa função será de construir uma Igreja de comunhão. Para esse fim, na próxima década iremos nos concentrar em quatro prioridades como igreja arquidiocesana. Essas prioridades, discernidas em consulta, serão: **liturgia, educação, construção de comunidade e mordomia**. Nos próximos meses e anos iremos elaborar, explorar e definir essas prioridades. Através de acções de formação, seminários e sessões de partilha de fé iremos concretizar as nossas prioridades. No entanto, a partir de hoje, elas serão a forma através da qual iremos construir uma Igreja de comunhão.

A história tem-nos ensinado que levam 100 anos para que os ensinamentos de um concílio sejam recebidos. Encontramo-nos apenas nos primeiros tempos do Concílio Vaticano II. Muito tem sido feito, mas muito mais resta fazer. Precisamos continuar a esforçar-nos energeticamente para que a implementação da visão da Igreja que nos foi dada pelo Concílio Vaticano II possa ser realizada. Para esse fim, são necessários os dons, energia e a boa vontade de todos os membros da nossa comunidade. Ao caminhar em direcção ao nosso centenário como Arquidiocese, juntos, com a ajuda das orações do nosso padroeiro, São José, poderemos construir uma Igreja de comunhão.

Em Cristo,  
V. James Weisgerber  
Arcebispo de Winnipeg

Datado a 15 de Outubro de 2005, na reunião do Conselho Pastoral  
Arquidiocesano em Gimli, Manitoba.